

## **Boaventura:** *Ratio est instrumentum fidei*

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em  
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato  
Grosso.

### *Introdução*

Conduzir o homem a Deus, este é o objetivo da filosofia de Boaventura. Ela nada mais é do que uma estação na nossa viagem de volta ao Criador. Entretanto, para que a filosofia sirva eficazmente a este fim, importa que ela esteja sempre subordinada à teologia. Ainda que perca com isso a sua autonomia, a filosofia ganha um novo e maior significado para o homem, pois se torna o ponto de transição entre a fé pura e a teologia. A filosofia sucede à fé e, *ipso facto*, pressupõe-na, mas precede a teologia. Nosso artigo pretende mostrar como estas questões se articulam na obra do mestre franciscano. Tentaremos estruturá-lo mediante duas tríades. A primeira delas é: amor, fé e filosofia. A primazia cabe ao amor, pois por ele nossa vontade assente a Deus pela fé e busca conhecê-lo: seja mediante a razão, elevando-se das criaturas ao Criador (filosofia), seja mediante a fé, aprofundando-se no conteúdo da mesma fé (teologia). Nesta fase, urge mostrar que, segundo Boaventura, aqueles que filosofaram fora da fé, caindo em terríveis erros, tiveram a sua inteligência obscurecida. A segunda tríade é: a graça, o Cristo e a prece. A graça crística é a cabeça desta tríade. Por ela, Deus corrige a vontade do homem, degenerada pelo pecado, para que, amando-O, adira a Ele pela fé e o busque quer pela filosofia e teologia, quer pela mística, a fim de alcançá-lo na visão da glória, que só ocorrerá na Pátria. Ora, só conseguimos ser renovados pela graça, se a suplicarmos pela oração. Nossa análise procurará encerrar-se pela consideração do filosofar na fé segundo São Boaventura. Por razões didáticas, daremos início à nossa abordagem, acercando-nos da temática da fé.

## 1. A fé

O fim último da alma humana é contemplar a Deus, nEle repousar e dEle fruir eternamente. Ora, este conhecimento, conquanto ainda imperfeito, é-nos assegurado já neste mundo pela fé. Com efeito, somente pela fé podemos chegar a saber que Deus é o nosso bem supremo.<sup>1</sup> Decerto que a filosofia também é um conhecimento seguro e adquirido apenas pelo esforço da razão. No entanto, o filósofo é menos seguro quanto ao que sabe do que o crente quanto ao que crê, porque a fonte da certeza filosófica é a razão falível e a da fé é a autoridade infalível de Deus. Não há, contudo, oposição entre fé e filosofia; antes, cumpre dizer que é no bojo da fé que encontramos a fonte de toda a especulação filosófica.<sup>2</sup>

Passemos a considerar o lugar do amor, no pensamento de São Boaventura.

## 2. O amor

Deveras, quando a anuência da razão basta haver o assentimento, a fé pode ser subtraída. Portanto, a princípio, existe uma *razão autônoma*. Contudo, o nosso fim último, que é Deus, excede de muito a nossa natureza e o seu conhecimento ultrapassa as forças da nossa razão. Donde haver necessidade da fé para conhecê-lo, porquanto não aderimos a Ele apreendendo-o pelo intelecto, mas pelo amor que lhe dedicamos e que expressamos num ato de fé.<sup>3</sup> O que é este amor? O amor do qual falamos é a caridade, que nos inclina a nosso bem supremo, que é Deus.<sup>4</sup> Agora bem, a filosofia nasce precisamente deste amor, porque ele logo

---

<sup>1</sup> GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. p. 545: “A alma humana é feita para perceber um dia o bem infinito que é Deus, repousar nele e fruí-lo. Desse objeto supremo para o qual tende, a alma possui desde este mundo um conhecimento imperfeito, porém bastante seguro, que é o conhecimento da fé. Nenhum outro conhecimento nos proporciona uma convicção tão profunda, tão inabalável quanto este.”

<sup>2</sup> *Idem. Ibidem*: “O filósofo é menos seguro quanto ao que sabe do que o fiel quanto ao que crê. No entanto, é a própria fé na verdade revelada a fonte da especulação filosófica.”

<sup>3</sup> *Idem. Ibidem*: “Portanto, não é mais por razão, mas por amor a esse objeto que fazemos ato de fé. E é então também que a especulação filosófica entra em jogo.”

<sup>4</sup> GILSON, Etienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclée Brouwer, 1948. p. 394: “Com efeito, assim como os corpos não acham repouso até que o peso que os empurra não os tenha levado para sua posição natural, assim, tampouco, a alma pode repousar em Deus, que é seu lugar natural de repouso e último destino, se o amor não a leve a Ele fazendo-a alcançar o bem na qualidade de bem.” (A tradução, para o português, é nossa).

nos impele a conhecermos melhor o que amamos. Há, pois, uma tríade: o amor, a fé e a filosofia. Ora, nesta tríade, a primazia pertence ao amor; ele é que gera a fé e é a fonte da filosofia. Sem embargo, quem crê por amor quer conhecer aquilo que ama, e é por amor que busca compreender aquilo que ama: “De modo admirável deleita-se a alma ao entender o que com perfeita fé, crê”<sup>5</sup>. Sendo assim, a filosofia nasce do coração que ama e quer conhecer o objeto do seu amor. Destarte, é por amor que se crê e que se busca compreender o que se crê.<sup>6</sup> Sob este ponto de vista, filosofia e teologia (conhecimento oriundo da fé), conquanto distintas por seus “métodos”, prolongam-se e completam-se. De fato, se cremos por amor e por ele especulamos, é o amor que nos leva a buscar a Deus, ora impulsionados pelo labor da razão, ora movidos pelo dado da fé. Desta feita, o amor é o elo entre fé e razão; filosofia e teologia, cada uma ao seu modo, na unidade do amor, faz-nos tender para Deus.<sup>7</sup> Boaventura afirma que é à caridade que “(...) converge todo intento da Sagrada Escritura, e, por conseguinte, toda iluminação que descende do alto. Sem ela (a caridade) todo conhecimento é vão”<sup>8</sup>.

Passemos a considerar as nefastas consequências de uma filosofia entregue a si mesma.

### 3. *A filosofia entregue a si mesma*

A filosofia é uma ciência que se baseia na razão e nos proporciona um conhecimento natural correto.<sup>9</sup> De fato, capaz de princípios racionais seguros, a filosofia, atendo-se a estes mesmos princípios e mediante a experiência sensível, poderá proceder com segurança na investigação das coisas naturais e de suas causas inferiores.<sup>10</sup> Assim sendo, ao menos

---

<sup>5</sup> BOAVENTURA. **II Sent. Proêmio, II, conclusão.** In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura.** Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1948. p. 98. (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>6</sup> *Idem.* **A Filosofia Na Idade Média.** p. 545: “Quem crê por amor quer ter razões de sua crença; *nada é mais doce ao homem do que compreender o que ele ama*; assim a filosofia nasce de uma necessidade do coração que quer fruir mais plenamente o objeto de sua fé.”

<sup>7</sup> *Idem. Ibidem:* “Isso significa que filosofia e teologia, distintas por seus métodos, se prolongam e se completam mutuamente, a ponto de aparecerem como dois guias que nos conduzem a Deus.”

<sup>8</sup> BOAVENTURA. **Hexaemeron.** 22, 26. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 424.

<sup>9</sup> BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 425: “A seu ver, como ao de todos os escolásticos, a filosofia é um saber adquirido exclusivamente pela razão, o qual nos conduz a um conhecimento naturalmente certo (...).”

teoricamente, Boaventura reconhece que a sistematização de um saber baseado unicamente na razão natural seja certo e possível. A isso alude, quando prevê dois modos de se usar a razão:

Acrescente-se, sem embargo, que a razão, na investigação, pode proceder de dois modos: ou ajudada pela luz da fé, ou deixada a seu próprio juízo, e deste modo procede ao olhar as naturezas e causas inferiores; pois adquire a ciência por via do sentido e da experiência.<sup>11</sup>

Todavia, no âmbito da prática, ele é menos otimista quanto ao uso de uma razão autônoma. Devido às consequências do pecado original, a luz da razão, posta em nós por Deus, obscureceu-se, e está, quando entregue unicamente às suas próprias forças, sujeita a muitos erros. Da filosofia entregue a si mesma, isto é, sem contar com o apoio da fé, temos as mais severas imprecizações de Boaventura. Estas frisam, sobretudo, a presunção dos filósofos que, imaginando poder confiar somente na sua razão e ciência, pensaram poder desvencilhar-se dos erros sem precisar recorrer a uma iluminação sobrenatural. Esta presunção, na concepção de Boaventura, é precisamente a raiz que os fez sucumbir nos mais nefastos erros: “Porém, muitos filósofos, querendo separar-se das trevas do erro, mesclaram-se com grande erros (...) ensoberbecendo-se de sua ciência, fizeram-se luciferianos”<sup>12</sup>. Na concepção do nosso filósofo, não pode haver filosofia sã sem ser precedida pela humildade do ato de fé, no qual o espírito se submete a Deus e às verdades reveladas. Por isso, segundo o seu ponto de vista, a origem de todos os erros dos filósofos antigos é a soberba:

A primeira claridade, isto é, a da ciência filosófica, é grande segundo a opinião dos homens mundanos; porém, facilmente se eclipsa (...) Quem confia na ciência filosófica, e presume de si por isso, e se julga melhor, é um néscio se pretende por esta ciência somente, sem outra luz, apreender ao Criador; é como se um homem quisesse ver o céu ou um corpo solar, servindo-se de um candeeiro.<sup>13</sup>

Porém, concebamos que o homem consiga conhecer muitas coisas somente pela filosofia. Admitamos, ademais, que chegue mesmo a Deus através dela. Ora, ferido como está

<sup>10</sup> *Idem. Ibidem*: “Este saber seguro acerca dos princípios deve ser ampliado pela razão através da investigação das coisas naturais.”

<sup>11</sup> BOAVENTURA. **II Sent.** 30, 1, 1, *conclusão*. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1948. p. 97. (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>12</sup> BOAVENTURA. **Hexaemeron**. IV, 1. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1948. p. 115. (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>13</sup> BOAVENTURA. **De Donis S.S.** IV, 12. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1948. p. 115. (A tradução, para o português, é nossa).

pelo pecado, a menos que a luz da fé o ampare, ele não conseguirá permanecer em Deus por muito tempo. Na verdade, o erro dos antigos filósofos foi justamente este. Carentes da luz da fé, estacionaram nas ciências filosóficas e as suas mentes obscureceram-se. Conquanto seja sublime o conhecimento que a filosofia nos proporciona, quem se detiver nela, não alcançará o seu fim último, pois a razão que caminha sozinha inevitavelmente acaba caindo no erro. Cumpre, pois, que não paremos no meio do caminho, que não paremos na filosofia. Vale a pena ceder a palavra ao que acentua o próprio Boaventura:

Admitamos que o homem tenha o conhecimento da natureza e da metafísica, que se eleve até às substâncias mais altas, e admitamos que, aí chegando, o homem se detenha: é impossível ele não cair em erro se não for ajudado pela luz da fé e não crer que Deus é uno e trino, poderosíssimo e ótimo ao extremo na bondade (...). Foi por isso que essa ciência precipitou e obscureceu os filósofos (pagãos), já que eles não possuíam a luz da fé (...). A ciência filosófica é caminho para outras ciências, mas quem se deter nela cai nas trevas.<sup>14</sup>

Sem embargo, basta volvermos os nossos olhos para Aristóteles e veremos quão catastróficas são as consequências de uma filosofia totalmente independente da fé, ou seja, de uma filosofia que só conta com a razão.<sup>15</sup> Com efeito, Aristóteles nega o suprassensível, a saber, as ideias platônicas, e a sua explicação do universo é demasiada naturalista. Negando-se a ver no mundo sensível sinais evidentes do sobrenatural, o Filósofo cai em sucessivos erros. O seu naturalismo é a sua pedra de tropeço. Negando as Ideias, acaba por fechar o elo que nos liga a Deus. Ademais, os corolários deduzidos destas premissas, não são menos graves: a negação da Providência, o fatalismo, a eternidade do mundo, a unidade do intelecto e a ausência de uma justa retribuição “além-túmulo”.<sup>16</sup> Com efeito, os erros de Aristóteles e seus séquitos foram tão deletérios que, o que haviam dito de verdadeiro e justo nas ciências naturais, transformou-se em trevas ante malogros tão perniciosos cometidos nas questões mais elevadas. E, para Boaventura, o grande problema dos sequazes de Aristóteles do seu tempo é que, fiando-se apenas na consideração de sua grande habilidade nas ciências da natureza,

---

<sup>14</sup> BOAVENTURA. *Collationes de donis Spiritus Sancti*. IV, I. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 577 .

<sup>15</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 425: “A filosofia aristotélica é o exemplo típico de uma filosofia elaborada com inteira independência da fé.”

<sup>16</sup> *Idem. Ibidem*: “Restringindo-se conscientemente a uma explicação natural do mundo sensível, e rejeitando as Ideias - o elo intermediário entre Deus e o mundo, - era inevitável que ela incorresse em erro. A consequência foi toda uma série de desacertos gravíssimos: a negação da Providência, o fatalismo, a doutrina da eternidade do mundo, da unidade do intelecto e a negação de uma retribuição no além.”

julgaram que tenha obtido o mesmo êxito no que concerne às coisas divinas. Vale a pena ouvir esta advertência da própria boca do nosso filósofo:

Assim, pois, estes filósofos caíram em erros e não foram apartados das trevas; e estes são erros péssimos. E, todavia, não foi cerrada com chave o poço do abismo. Estas são as trevas do Egito; porque ainda quando parecia haver neles grande luz pelas ciências precedentes, toda ciência fica extinguida por estes erros. E outros, vendo que foi tão grande Aristóteles nas outras ciências (*i.é.*, nas ciências da natureza) e assim dito a verdade, não podem crer que nestas (*i.é.*, nas ciências concernentes às coisas divinas) não haja dito verdade.<sup>17</sup>

Agora bem, Platão e os neoplatônicos, mormente Plotino, erraram menos, porém, também erraram. Erraram, sobretudo, por desconhecerem o pecado original. Ora, quem não está ciente da sua enfermidade, não lhe poderá dar o tratamento adequado. Por haverem ignorado a enfermidade do pecado, platônicos e neoplatônicos não chegaram a conhecer o remédio da graça. Por isso, também eles sucumbiram e merecem censura, como assevera o Mestre Franciscano:

Este é, pois, o remédio, a saber, a graça do Espírito Santo. Este médico e esta graça não os pode dar a filosofia. Por que, pois, te glorias, tu que não conheces pela tua ciência nem tua enfermidade, nem sua causa, nem o médico, nem o remédio?<sup>18</sup>

Desta sorte, resta aos filósofos a mesma sorte das avestruzes que, conquanto providas de asas, não se servem delas para voar, senão apenas correr: “Estes filósofos tiveram asas de avestruz, porque seus afetos não estavam sanados, nem retificados, nem ordenados (...)”<sup>19</sup>. Eis um juízo que parece definitivo em Boaventura sobre o uso da filosofia sem a iluminação da fé, máxime no que tange às coisas divinas:

Do que se depreende que a ciência, sem o apoio da fé, bem pouco pode lograr do conhecimento das coisas divinas; porque numa mesma coisa, o que é claríssimo à fé é sumamente oculto à ciência, como patenteiam as altíssimas e sumamente importantes questões que os

---

<sup>17</sup> BOAVENTURA. **Hexaameron**. VI, 5. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclee, 1948. p. 105. (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>18</sup> BOAVENTURA. **Hexaameron**. VII, 11-12. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclee, 1948. p. 108. (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>19</sup> BOAVENTURA. **Hexaameron**. VII, 3-13. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclee, 1948. p. 108. (A tradução, para o português, é nossa).

filósofos ignoraram plenamente, e agora as sabem os mais rudes cristãos. Por isso, diz o Apóstolo (*I Cor, 1, 20*), que Deus fez necessidade a ciência deste mundo, porque todo conhecimento racional de Deus, é mais necessidade que verdadeira ciência. Pois leva quem escuta ao erro, se não é ajudado e dirigido pela iluminação da fé (...).<sup>20</sup>

Passemos a considerar a necessidade da graça e da prece para o filosofar na fé.

#### 4. A necessidade da graça crística e da prece

O amor, que nos conduz à fé, tem sua sede na vontade. Aliás, o fim de toda vontade verdadeiramente boa é a caridade ou o amor.<sup>21</sup> Ora, conquanto São Boaventura reconheça que tenhamos alguma boa vontade, aduz ser esta insuficiente, em virtude de estar ferida pelo pecado. Por isso, lograr o que queremos, a saber, chegar a Deus através do amor, somente mediante a graça conseguiremos. Só ela nos pode levar a Deus pelos *degraus do mundo*. A graça é o único remédio para a cura da enfermidade da humanidade, que é o pecado. Apenas ela pode nos “re-encaminhar” para Deus. Com efeito, perdidos na concupiscência da carne, desviamo-nos dEle, e não conseguiremos regressar a Ele, a não ser pela graça. Destarte, é a graça que sana as nossas faculdades; ela é que nos proporciona uma vontade determinada e uma razão clarividente, e que, por conseguinte, torna possível o nosso retorno a Deus.

Por outro lado, não podemos nos elevar acima de nós se uma força superior a nós não o permitir. Com efeito, por mais que nos disponhamos interiormente a esta ascensão, de nada serve tudo aquilo se o auxílio de Deus não nos socorrer.<sup>22</sup>

Agora bem, a graça – remédio salutar –, ser-nos-á concedida por meio da *prece*. Se a fé precede a razão, a oração e a vida santa devem preceder a própria investigação da verdade, que findará na visão da glória. Di-lo-á Frei Boaventura:

---

<sup>20</sup> BOAVENTURA. **III Sent.** 24, 2, 3, ad 4. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclee, 1948. p. 113. (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>21</sup> GILSON. **La Filosofia de San Buenaventura**. p. 194: “Qual será, portanto, o fim por excelência de toda vontade verdadeiramente boa? Sem perigo de erro pode-se dizer que é Deus, porém é preferível dizer que é a caridade ou o amor.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>22</sup>

Como, portanto, a graça constitui o fundamento da retidão da vontade e da iluminação de uma razão penetrante, também é necessário, *antes de tudo, orar*, depois viver santamente e, por fim, aplicar-se à consideração da verdade e, aplicando-se a ela, ascender gradativamente até chegar ao monte excelso, “a Sião”, onde “se contemple o Deus dos deuses”<sup>23</sup>

Ora, o auxílio de Deus socorre aqueles que o invocam de coração, com humildade e devoção; isto é, aqueles que por ele anelam neste vale de lágrimas por meio de ardente oração. *A oração, portanto, é a fonte e a origem de nossa elevação a Deus.*<sup>24</sup>

Neste sentido, enquanto Tomás de Aquino começa a sua *Summa perguntando*, São Boaventura começa o seu *Itinerarium rezando*. Um começa falando sobre Deus, outro, falando com Deus.<sup>25</sup> Portanto, todo o itinerário para Deus tem o seu início na oração ao Deus que buscamos. Ora, é este mesmo Deus que nos atende, iluminando a nossa mente, a fim de que alcancemos a Ele próprio. Eis a prece com que Boaventura começa o seu *Itinerarium*:

No início deste itinerário, invoco o primeiro Princípio, do qual, como “Pai da luz”, descende toda iluminação espiritual, “toda graça excelente e todo dom perfeito”. Invoco o eterno Pai por meio de seu Filho e nosso Senhor Jesus Cristo, para que, pela intercessão da santíssima Virgem Maria, mãe do mesmo Deus e Senhor nosso Jesus Cristo, e do beato Francisco, nosso guia e nosso pai, “queira iluminar os olhos” da nossa mente, “para guiar nossos passos sobre o caminho daquela paz” “que supera toda compreensão”.<sup>26</sup>

São Boaventura reza para obter a graça, graça que dimana de Cristo crucificado. Ele chega a Deus por Cristo, pois Cristo é a *Porta das Ovelhas*. Aconselha, pois, os seus leitores e ouvintes a fazerem o mesmo. Estes devem, antes de qualquer coisa, lavar-se no sangue de Cristo, que lhes será indulgente, perdando-lhes os pecados, para que não aconteça que leiam

---

<sup>23</sup> BOAVENTURA. *Itinerário da Alma Para Deus*. I, 8. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 265. (Os itálicos são nossos).

<sup>24</sup> BOAVENTURA. *Itinerário da Alma Para Deus*. I, 1. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 264. (O itálico é nosso).

<sup>25</sup> REALE, ANTISERI. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. p.586: “Santo Tomás inicia a *Summa* perguntando-se ‘*An Deus sit*’, ao passo que Boaventura dá início ao seu *Itinerarium* com uma prece: um fala de Deus, outro reza a ele.”

<sup>26</sup> BOAVENTURA. *Itinerário da Alma Para Deus*. *Prólogo*, 1. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 263.



sem piedade, especulem sem devoção ou investiguem sem inspiração divina. Cedamos a palavra a Boaventura:

Convido, portanto, o leitor a gemer, primeiramente, pedindo a Cristo crucificado, cujo sangue nos purifica das impurezas do vício, para que não creia que lhe seja suficiente a leitura sem a compunção, a reflexão sem a devoção, a busca sem o impulso da admiração, a prudência sem a capacidade de abandonar-se à alegria, a atividade separada da religiosidade, o saber separado da caridade, a inteligência sem humildade, o estudo sem a graça divina, o espelho da realidade sem a sabedoria inspirada por Deus.<sup>27</sup>

Destarte, a razão sozinha nada tem a nos dizer; os fatos, por si próprios, também nada dizem. Se a fé religiosa não nos socorrer, narrando-nos a história, esta última permanece muda, cega e surda: “Na realidade, por si sós, os fatos são mudos: eles só falam se houver alguém que saiba contar sua história”<sup>28</sup>. Verdadeiramente é a fé quem dita, a razão só escreve: “E a razão só escreve o que a fé dita”<sup>29</sup>. E os sentidos só entrarão em contato com a realidade quando forem reabilitados pela fé.<sup>30</sup> Na verdade, é pela graça que passamos a olhar o mundo com aquele olhar da fé e a vermos como ele todo significa Deus: “É todo o universo que ‘porta significatione’ de Deus (...) É um universo visto na perspectiva da fé”<sup>31</sup>. Assim, a história narrada pela fé, torna-se uma história essencialmente religiosa.<sup>32</sup>

Com efeito, num grande abismo a alma humana encontra-se decaída. Naufragada nas coisas sensíveis, delas não conseguiria soerguer-se à contemplação de Deus, não fosse Cristo tê-la resgatado, pela sua humanidade, da queda na qual Adão a precipitara. É, pois, pela Verdade – que é Cristo – que chegamos à Verdade, que é Deus. A Verdade habita em nós, e, sendo ela maior do que nós mesmos, por mais portentosos que sejam os nossos dons naturais, por eles não conseguiremos, ainda que entrando em nós mesmos, ascender-nos até Deus. Este feito, só pela mediação de Cristo – porta segura – poderemos realizá-lo. Só a alma que crê em Cristo, consegue romper a sua surdez e, ouvindo a voz divina, contemplar o esplendor da sua luz:

---

<sup>27</sup> BOAVENTURA. *Itinerário da Alma Para Deus. Prólogo*, 4. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 264.

<sup>28</sup> REALE, ANTISERI. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. p. 587.

<sup>29</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>30</sup> *Idem. Ibidem.* p. 588: “É com os sentidos reabilitados pela fé que o homem se aproxima da realidade”

<sup>31</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>32</sup> *Idem. Ibidem.*: “E a história de Boaventura é história religiosa.”

Assim como alguém que cai num precipício lá permanece se outro não o ajuda a sair, da mesma forma a nossa alma não teria podido erguer-se das coisas sensíveis até a contemplação de si mesma e da Verdade eterna nela refletida, se a própria Verdade, assumindo a forma humana em Cristo, não se houvesse feito escada de recuperação da queda da primeira escada em Adão. Por isso, por mais que seja iluminado pelos dons naturais e pela ciência adquirida, ninguém pode entrar em si mesmo para desfrutar de Deus senão pela mediação de Cristo, que disse: “Eu sou a porta: quem passar através de mim se salvará, entrará e encontrará as pastagens eternas” (...) a alma que crê, espera e ama Jesus Cristo (...) recupera o ouvido espiritual para ouvir as palavras divinas e a vista para contemplar os esplendores de sua luz.<sup>33</sup>

Cristo é, enfim, tudo nesta nossa subida para Deus. Ele é a vida, a porta, a escada, o caminho, o guia, o propiciatório e o altar. Ei-lo nas palavras líricas de Boaventura: “Nesta passagem, Cristo é ‘caminho e porta’, Cristo é escada e veículo, como ‘o propiciatório colocado sobre a arca de Deus’ é ‘o mistério escondido nos séculos’<sup>34</sup>. Urge, pois, consagramo-nos mais à unção e menos à investigação; mais ao dom de Deus – que é o Espírito Santo – e menos aos livros e palavras frívolas; entreguemos nada à criatura, tudo ao Criador. Ouçamos o próprio Boaventura:

Para chegar a este estado, a natureza nada pode e pouco se pode fazer; é preciso, portanto, conceder pouco à busca e muitíssimo à compunção; pouco à linguagem exterior e muitíssimo à alegria interior; pouco à palavra e ao escrito e tudo ao dom de Deus, isto é, ao Espírito Santo; pouco ou nada às criaturas e tudo à Essência criadora, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo (...).<sup>35</sup>

Temos, pois, uma nova tríade: a graça, Cristo e a prece. O ponto de intersecção é Cristo, pois é mediante a oração que alcançamos a graça de Deus, que nos capacita para amar.

Passemos à consideração do filosofar na fé segundo São Boaventura.

---

<sup>33</sup> BOAVENTURA. *Itinerarium mentis in Deum*. IV, 2-3. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 588.

<sup>34</sup> BOAVENTURA. *Itinerário da Alma Para Deus*. VII, 1. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 267.

<sup>35</sup> BOAVENTURA. *Itinerário da Alma Para Deus*. VII, 5. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 268. No pensamento de Boaventura, a última palavra é sempre a da graça e da mística: BOAVENTURA. *Itinerário da Alma Para Deus*. VII, 6 In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 268: “Se, enfim, te perguntas como isso acontece; interroga a graça, não a doutrina, o desejo, não a inteligência; o gemido da oração, não o estudo e a leitura; o esposo, não ao mestre; Deus, não o homem (...)”.

## 5. O filosofar na fé

Partindo destes pressupostos, importa aduzir que o Doutor Seráfico não rejeita a filosofia. Ele sabe distinguir uma *filosofia cristã* de uma *filosofia não-cristã*. Sendo que o nosso *fim último* ultrapassa a nossa razão, se esta razão paralisar-se em si mesma, decerto alienar-se-á do seu fim específico. Neste sentido, Boaventura condena uma *filosofia não-cristã* e uma *razão profana*, ou seja, uma razão e uma filosofia que se recusam a ver neste mundo *signos* de Deus.<sup>36</sup> Sem embargo, o nosso fim último é Deus. Cremos nEle por amor e buscamos compreendê-lo também por amor. Portanto, se a filosofia trata das coisas terrenas, deve ser somente na medida em que elas podem revelar o que deve ser o verdadeiro objeto do seu amor: Deus. De fato, quando se sujeita a esta ordem, a filosofia torna-se caminho para Deus.

Toda a nossa vida não é mais que uma peregrinação até Deus. Somos transeuntes neste mundo. Saímos de Deus e estamos voltando para Ele; Deus mesmo dispôs este mundo de tal forma que ele nos sirva de caminho de volta para ele, posto que também o mundo saiu de Deus e está voltando para Ele. Por conseguinte, os seres deste mundo – mesmo os mais enigmáticos –, para quem souber encará-los, revelar-se-ão como manifestações de Deus. Cabe à nossa razão – auxiliada pela fé –, perscrutar e decifrar estes entes. Na verdade, o mundo sensível é uma estrada que nos leva a Deus; a contingência dos seres que o povoam são sinais que nos patenteiam a imutabilidade divina e a transitoriedade desta existência. Ora, uma razão que saiba reconhecer estes sinais, é uma razão peregrina para Deus.<sup>37</sup>

Desta feita, a filosofia de São Boaventura é essencialmente cristã, pois procura no mundo vestígios de Deus. O nosso teólogo concebe a natureza como uma revelação de Deus, um caminho no qual o homem viandante e inquieto, sempre amparado pela graça e iluminado

---

<sup>36</sup> REALE, ANTISERI. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. p. 578: “O problema de Boaventura, portanto, não é o de rejeitar o uso da razão e de toda filosofia, mas sim o de distinguir ‘entre uma razão e uma filosofia ou teologia cristã e uma filosofia não cristã, entre uma razão que é instrumento da fé e da visão beatífica (...) e uma razão que, encerrando-se em uma auto-suficiência própria, nega o sobrenatural em si mesma’ (T. Gregory). Ele é contra uma filosofia não cristã e contra uma razão auto-suficiente, incapazes de captar no mundo o signum, as pegadas de Deus.”

<sup>37</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 546 (...) e é por isso que toda a sua filosofia consiste em nos mostrar um universo em que cada objeto nos fala de Deus, no-lo representa à sua maneira e convida-nos a nos voltarmos para ele. Se a vida não é mais que uma peregrinação a Deus, o mundo sensível é a estrada que nos leva a ele, os seres que a margeiam são signos que, a princípio, podem nos parecer enigmáticos; mas, se os examinarmos atentamente, a fé auxiliada pela razão decifrárá sob caracteres sempre diferentes uma só palavra, um chamado sempre idêntico: Deus.

pela fé, consegue ver os sinais da Trindade por onde quer que ande.<sup>38</sup> Ora, o papel da filosofia não é senão fazer-nos descobrir estes germes divinos no mundo. Por isso, se a razão se ativer a servir de prelúdio à teologia e à mística, sempre será salutar ao homem viajor.<sup>39</sup> A filosofia é sã quando se torna instrumento que nos introduz na teologia, sendo da mística prólogo ou proêmio.<sup>40</sup>

Se, por um lado, a filosofia, purificada pela graça e corrigida pela fé, perde a sua autonomia, por outro, é elevada e adquire um valor maior, pois se torna um dos meios que levam o homem para o seu fim último.<sup>41</sup> Portanto, a filosofia, quando sujeita à fé, entra no seguimento certo, posto que se torna parte integrante de um mesmo organismo<sup>42</sup>: situa-se entre a fé pura e a teologia. A teologia, por sua vez, é a mediadora entre a filosofia e a contemplação mística, e o ponto culminante da própria contemplação será a visão beatífica. Não se deve confundir, pois, a filosofia com a mística. A filosofia – quando purificada –, por certo que nos encaminhará para a mística. No entanto, ela própria não é a mística. O nosso itinerário para Deus é uma longa viagem, em que as ciências são simples estações e o ponto de chegada é o mesmo Deus altíssimo.<sup>43</sup>

Passemos às considerações finais deste artigo.

---

<sup>38</sup> REALE, ANTISERI. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. p. 578: “Em suma, Boaventura realiza escolha consciente daquela tradição de pensamento que, a partir de Platão, através de Agostinho e Anselmo, havia sustentado a reflexão cristã na consideração do mundo como sistema de correspondências ordenadas, como tecido de significados e relações alusivos a Deus uno e trino, e o homem como inquieto peregrino do Absoluto tripessoal.”

<sup>39</sup> *Idem. Ibidem*: “Para que serve uma filosofia que não torne mais evidente a presença de Deus no mundo e não leve a cabo a aspiração do homem ao conhecimento e à posse de Deus? O exercício da razão é salutar quando nos permite descobrir, no mundo e em nós mesmos, aqueles germes divinos que, depois, a teologia e a mística levam à sua completa maturação.”

<sup>40</sup> *Idem. Ibidem*: “A ciência filosófica que Boaventura busca e, ao seu modo, elabora é, portanto, ‘caminho para outras ciências’, constituídas pela teologia e a mística, da qual a filosofia, precisamente, é prólogo e instrumento.”

<sup>41</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 426: “Perdendo embora o seu valor autônomo, ela assume, em compensação, um significado ainda maior para o homem (...)”

<sup>42</sup> *Idem. Ibidem*: “Sujeitando-se à fé, acolhendo-lhe a luz superior e deixando-se orientar por ela, a filosofia depara o caminho certo e vem a ser um degrau no retorno do homem para Deus. Torna-se parte de um grande organismo.”

<sup>43</sup> *Idem. Ibidem*: “De sorte que a filosofia não deve ser mais do que um ponto de transição. Situa-se entre a fé pura e a Teologia; esta, por sua vez, media entre a filosofia e o dom da sabedoria ou contemplação, que irá culminar na luz da glória. Na concepção boaventurana do mundo, as ciências são simples estações de uma longa viagem: a peregrinação da alma para Deus.”

## *Conclusão*

Corrigida pela graça, a razão começa a fazer parte do caminho que nos leva até Deus. Deus é a nossa salvação, a filosofia – obra da razão –, é apenas parte deste caminho para se alcançar a salvação. A filosofia “(...) deve, portanto, ser instrumento de salvação e nada mais (...)”<sup>44</sup>. Por isso, pensar corretamente faz parte da nossa viagem até Deus. Ao contrário, pensar de forma torpe pode realmente nos desviar do nosso verdadeiro fim. Assim, em São Boaventura, o pensar torna-se verdadeiramente uma questão de vida ou de morte eterna.<sup>45</sup> Neste sentido, mister é não nos apartarmos de Cristo – nosso Salvador –, nem mesmo quando filosofamos. Não devemos deixar de ser cristãos nem quando pensamos. Cristo é o centro e não pode existir uma *filosofia não-cristã*, na mesma medida que um cristão não pode pensar como se não o fosse. Acerca do pensamento de Boaventura, acena Gilson:

(...) colocando Cristo no centro de nossa história, como Deus está no centro da história universal, nunca se esquecerá de que o cristão não pode pensar nada do que pensaria se não fosse cristão.<sup>46</sup>

A verdadeira filosofia começa com Cristo, pois, antes de tudo, é a nossa razão orante – mediante o dom da fé em Cristo e através da regeneração operada pela graça de Cristo –, que, por amor, começa a sua busca e não a termina senão em Cristo mesmo, porque Ele é o seu fim próprio: “A filosofia não começa sem Cristo, porque ele é que é o seu objeto, e não chegará a bom termo sem Cristo, porque ele é que é o seu fim”<sup>47</sup>. Ora bem, Boaventura percorre todo este itinerário – para usarmos um termo de Gilson –, inebriado por um sentimento trágico<sup>48</sup>, a saber, o homem que saiu de Deus pela criação, separou-se dEle pelo pecado, e precisa, pela graça e pela fé no Salvador, voltar a unir-se a Ele na visão beatífica.

Homem que leva a Revelação a sério<sup>49</sup>, o Doutor Seráfico é um cristão que filosofa e não um filósofo que também é cristão.<sup>50</sup> Para ele, a filosofia, concebida como um meio de

<sup>44</sup> GILSON. *La Philosophie de Saint Boaventure*. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 585.

<sup>45</sup> *Idem. Ibidem*. “Ele pensa, porque, para ele, saber em que precisa pensar é problema de vida ou de morte eterna (...)”

<sup>46</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>47</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>48</sup> *Idem. Ibidem*. “(...) são Boaventura mostra-se profundamente penetrado por esse sentimento trágico (...)”

<sup>49</sup> *Idem. Ibidem*: “(...) Boaventura leva a sério a Revelação.”

decodificar os signos da criação, é um *instrumento da fé*, é a razão lendo o que a fé ilumina, é a *gramática escrita* com o *alfabeto da fé*.<sup>51</sup> Eis, enfim, a ordem hierárquica à qual a filosofia deve-se conformar, ordem que os santos guardaram e à qual os filósofos não se conformaram, tropeçando, por isso mesmo, nas densas trevas dos seus próprios erros:

Pois a ordem consiste em começar pela estabilidade da fé, seguir pela serenidade da razão, e chegar à suavidade da contemplação. Esta a guardaram os Santos, atentos àquilo que Isaías, segundo uma tradução, disse: Se não crerdes, não entenderéis. E esta mesma ordem ignoraram-na os filósofos, os quais, desprezando a fé e apoiando-se totalmente na razão, não puderam, de forma alguma, chegar à contemplação.<sup>52</sup>

---

<sup>50</sup> REALE, ANTISERI. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**: “Boaventura é cristão que filosofa e não filósofo que ‘também’ é cristão.”

<sup>51</sup> *Idem. Ibidem*: “A razão é *instrumentum fidei*: a razão lê o que a fé ilumina, é gramática escrita com o alfabeto da fé”

<sup>52</sup> BOAVENTURA. **Hexaameron**. VII, 11-12. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclee, 1948. p. 120. (A tradução, para o português, é nossa).

## **BIBLIOGRAFIA**

BOAVENTURA. **Collationes de Donis Spiritus Sancti**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1948.

\_\_\_\_\_. **Hexaemeron**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1948.

\_\_\_\_\_. **Itinerarium mentis in Deum**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **II Sent**. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1948.

\_\_\_\_\_. **III Sent**. In: GILSON, Étienne. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1948.

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. pp. 421 a 426.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. pp. 544 a 558.

\_\_\_\_\_. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991.

\_\_\_\_\_. **La Filosofia de San Buenaventura**. Trad. Esteban de Zudaire. Buenos Aires: Ediciones Desclée Brouwer, 1948.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média.** 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. pp. 573 a 588.



This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.